

**CARACTERÍSTICAS PALEOGRÁFICAS DE UM OFÍCIO DO
FORTE DO PRÍNCIPE DA BEIRA, NO ANO DE 1793**

Ivanete Maria de Jesus (UFMT)

iva2202@hotmail.com

Carolina Akie Ochiai Seixas Lima (UFMT)

carolseixaslima@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, apresentaremos a transcrição e a descrição paleográfica de um ofício pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, que discorre sobre várias atividades cotidianas ocorridas no Forte do Príncipe da Beira, na data de 09 de outubro de 1793. Constitui um testemunho apógrafo, assinada pelo capitão José Pinheiro de Lacerda, enviado ao governador João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres. Como referencial teórico no âmbito da Filologia, serão apresentadas as edições fac-similar e semidiplomática do texto, seguidas de comentários paleográficos, definidas por Spina (1994) e Cambraia (2005). As edições fac-similar e semidiplomática, de forma justalinear, facilitam o cotejo entre si, com a vantagem de que esta última, por representar baixo grau de intervenção do editor no texto, e preservar praticamente quase todas as suas características, o que favorece o trabalho do linguista. Além disso, o estudo das características paleográficas da escrita do ofício favorece o leitor no entendimento do texto quanto à sua escrita, nem sempre acessível a um público mais geral. Pretende-se, por fim, com este trabalho, trazer a público, por um lado, um documento manuscrito produzido no Município de Costa Marques, estado de Rondônia e, por outro, contribuir para os estudos filológicos de acervos históricos, nessa parte do Brasil. Esta pesquisa faz parte dos trabalhos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa “FOLIUM-ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE LINGUÍSTICA, FILOGIA E HISTÓRIA” que está diretamente ligado ao Projeto Nacional PHPB-Para a História do Português Brasileiro.

Palavras-chave:

Edições. Filologia. Manuscrito. Paleografia.

ABSTRACT

In this paper we present a transcript and a paleographic description of a document belonging Mato Grosso Historical and Geographic Institute, which discusses various daily activities that took place at Forte Príncipe da Beira on October 9, 1793. It was an apographic testimony, signed by Captain José Pinheiro de Lacerda, sent to Governor João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres. As a theoretical framework in the field of Philology, it will be presented the facsimile and semidiplomatic editions of the text, continued paleographic commentaries, defined by Spina (1994) and Cambraia (2005). Facsimile and semidiplomatic editions, in a justifiably way, facilitate the comparison with each other, with advantage that the latter, to represent low-grade editor of intervention in the text, and preserve almost all of its features, which supports the linguist's work. In addition, the paleographic characteristics study of writing craft helps reader understanding the text, as writing, it's not always accessible to general

public. Finally, this paper intend to bring public, first, a manuscript document produced in the city Costa Marques, state of Rondônia and secondly, contribute to the philological studies of historical collections in this part of Brazil. This research is part of work developed in a Research Group “FOLIUM-ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE LINGÜÍSTICA, FILOLOGIA E HISTÓRIA” which is directly linked to National Project PHPB – For History of Brazilian Portuguese.

Keywords:

Editions. Manuscript. Paleography. Philology.

1. Introdução

Este artigo tem a finalidade, seguindo-se princípios da filologia e da paleografia, apresentar as edições fac-similar e semidiplomática bem como a transcrição e a descrição paleográfica de um ofício pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, que discorre sobre várias atividades cotidianas ocorridas no Forte do Príncipe da Beira, na data de 09 de outubro de 1793.

Para a seleção do *corpus*, nos auxiliamos na Filologia. Segundo Melo (1981), a Filologia é o estudo científico de uma forma de língua atestada por documentos escritos. Desde logo se deduz que, onde não há documentos escritos, não pode haver Filologia. Como ciência aplicada, tem sua finalidade específica que é fixar, interpretar e comentar os textos, também se valendo de outras ciências e técnicas auxiliares e complementares, como a Arqueologia, a Paleografia, a Mitologia, a Numismática, a História, o Folclore, a Métrica entre outras.

Afirma ainda o autor que, de posse de um manuscrito, o filólogo tem que saber de que época é a letra, deve interpretar e desfazer as abreviaturas, conhecer o estado da língua nos primeiros séculos, identificar que se trata de um original, de uma cópia contemporânea ou de cópia posterior, se o copista foi fiel ao original ou se inseriu modernismos no texto, deve conhecer a história, os usos e costumes, a cultura da época do manuscrito para interpretar o texto e entender as alusões, as imagens, etc.

A Filologia tem definições distintas e possui como objeto de estudo os textos manuscritos ou impressos, antigos ou modernos, pois é a partir deles que se configura o seu campo de investigação. Segundo Coutinho (1976), a Filologia é uma ciência muito antiga, nasceu da necessidade que sentiram os povos antigos de explicar os textos arcaicos dos seus monumentos literários ou religiosos, constituindo-se, assim, o trabalho do filólogo em reconstituir os textos antigos de uma língua, corrigi-

los, quando errados, e restituí-los à sua genuinidade, quando interpolados.

Sendo assim, são inúmeras as definições sobre filologia, logo é necessário que o filólogo defina seus critérios de edição, princípios e normas, que serão adotados no percorrer do seu trabalho, pois o resultado dependerá desses critérios, para alcançar seus objetivos no estudo de um determinado texto.

2. Abordagem teórico-metodológica

Editar um texto consiste em reproduzi-lo, são quatro as formas de reprodução de um texto: reprodução mecânica ou fac-similar; diplomática; semidiplomática ou diplomático-interpretativa e texto crítico, segundo Spina (1994). O estudo das características paleográficas do manuscrito *Ofício do Forte do Príncipe da Beira*, desenvolveu-se em edição fac-similar e semidiplomática.

Nesse estudo iremos nos valer da edição fac-similar, que é a reprodução do texto por meios mecânicos: digitalização escaneada/escanizada, fotografia, microfilme, xerografia e outros. Nesse tipo de reprodução, a interferência do editor é quase nula. Permite estudo de variada natureza, como o histórico, o linguístico em todos os níveis – incluindo a pontuação, a ortografia e a acentuação gráfica – o paleográfico, e o de alguns aspectos codicológicos e diplomáticos (SANTIAGO-ALMEIDA, 2009, p. 226-8).

Quanto à edição semidiplomática, Cambraia (2005, p. 95) discorre que esse tipo de edição é a reprodução tipográfica do texto, com o desenvolvimento das abreviaturas, mantendo-se os demais aspectos como no original, com um baixo grau de interferência do editor no original, preservando-se suas características, o que, por um lado, torna-o acessível a um público mais restrito e, por outro, mais apropriado a estudos linguísticos.

O manuscrito selecionado para esta análise possui apenas um fólio recto (frente) r, em que consta um ofício do Forte do Príncipe da Beira, direcionado ao Governador e capitão general da capitania de Vila Bela da Santíssima Trindade, João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, em 09 de outubro de 1793, enviado pelo comandante José Pinheiro de Lacerda.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A princípio foi feita uma leitura prévia, propiciada pela digitalização do manuscrito, para posteriormente adequá-lo às normas de edição semidiplomática, as quais levaram em consideração diversas etapas: i) contexto histórico do documento; ii) datação e autoria; iii) originalidade; iv) análise paleográfica; v) critérios de edição.

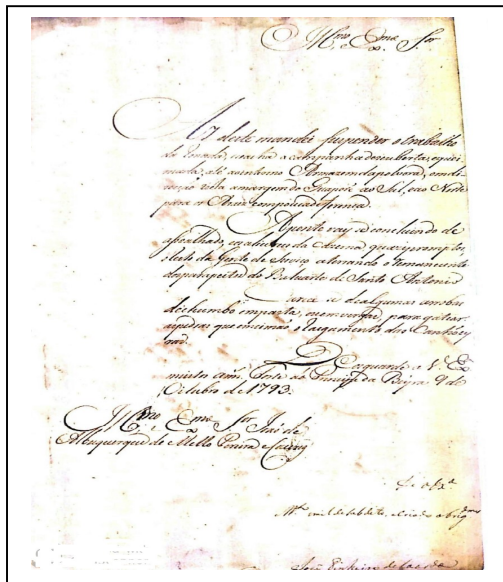
No entanto, uma edição semidiplomática se faz segundo critérios de transcrição, os quais adotaremos no manuscrito em questão, os critérios definidos pelo PHPB⁹³. Os critérios tem o objetivo de respeitar as normas e a uniformização para facilitar a leitura dos testemunhos aos estudiosos de variadas áreas do conhecimento.

Os critérios de edição semidiplomática apresentados nessa transcrição seguiram os seguintes itens:

1. Numerar as linhas de cinco em cinco;
2. Manter a ortografia e as maiúsculas e minúsculas como no original;
3. Manter a pontuação e a acentuação como no original;
4. Desdobrar as abreviaturas, registrando-se em itálico as letras suprimidas;
5. Alinhar o texto à margem esquerda, numerando-se o fólio, recto (frente) r;
6. Colocar a assinatura entre diple<>;
7. Desfazer as fronteiras de palavras que venham escritas juntas.

⁹³ A novas normas para transcrição de manuscritos propostas pelo Projeto Nacional “Para a História do Português Brasileiro” estão disponíveis em <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>

3. Edição Fac-similar



4. Edição semidiplomática

Transcrição – Pasta 82 n.º 1384 – Fólio 1r	
Identificação	ACBM – IPDAC
Assunto	Ofício do capitão José Pinheiro de Lacerda, discorre sobre várias atividades cotidianas ocorridas no Real Forte Príncipe da Beira endereçada ao Governador e capitão general da capitania de Vila Bela da Santíssima Trindade, João de Albuquerque de Mello e Cáceres.
Local e data	Forte Príncipe da Beira, 09/10/1793
Assinatura	Apógrafo

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Illustríssimo e Excellentíssimo Senhor

A 7 deste mandei suspender o trabalho
da rossada, e se acha a campanha descuberta e quei-
mada, até ao interino Armazem da polvora, em di-

5 recção recta a margem do Guaporé ao Sul, e ao Norte
para os Araez com pouca deferença

A ponte vay se concluindo de
assoalhado, e os alicerces da cazerna quazi promptos;
o resto da Gente de Serviço aterrando o remanecente

10 dos parapeitos do Baluarte de Santo Antonio

Carece-se de algumas arrobas
de chumbo em pasta, ou em vergas, para gatear
as pedras que em cimaõ o rasgamento das Canhões
ras.

15 Deos guarde a Vossa Excellencia
muitos annos Forte do Príncipe da Beyra 9 de
Outubro de 1793.

Illustríssimo e Excellentíssimo Senhor Ioaõ de
Albuquerque de Mello Pereira e Caceres

20 De *vossa Excellentissima*

Muito omilde súbdito, e criado obrigando-mo
< Iozé Pinheiro de Lacerda >

5. *Paleografia*

De acordo Acioli (1994, p. 5) a paleografia é a ciência que lê e interpreta as formas gráficas antigas, determina o tempo e o lugar em que foi escrito o manuscrito, anota os erros que possa conter o mesmo, com o fim de fornecer subsídios à História, à Filologia, ao Direito e a outras ci-

ências que tenham a escrita como fonte de conhecimento.

Para Cambraia (2005, p. 23) é definida de forma bastante básica, como o *estudo das escritas antigas*, modernamente apresenta finalidade tanto teórica quanto pragmática. Teórica porque expressa a “preocupação dese entender como se constituíram sócio historicamente os sistemas da escrita”; já a finalidade pragmática evidencia-se na “capacitação de leitores modernos para avaliarem a autenticidade de um documento, com base na sua escrita”, além de interpretarem adequadamente as escritas do passado.

No século XVII, o jesuíta Daniel Van Papenbroeck (1628-1714) em viagem pela Europa, teria constatado a existência de muitos documentos falsos, o que teria levado a escrever a obra *Propylaeum Antiquarium circa Veri ac Falsi Discrimen en Vetustis Membranis* (Antuérpia, 1675), que tinha como finalidade, apresentar critérios para discernir a autenticidade de documentos através da análise da escrita.

A paleografia é de suma importância para o crítico textual para fixar a forma genuína de um texto, ser capaz de decodificar a escrita em que seus testemunhos estão lavrados. Cambraia (2005, p. 24) afirma que é muito comum, aliás, existirem edições de texto que apresentam falhas decorrentes de equívoco na leitura do modelo por parte do editor.

5.1. Características paleográficas

5.1.1. Tipos de letras

O manuscrito “Ofício do Forte do Príncipe da Beira, no ano de 1793”, editado aqui sob a forma fac-similar e semidiplomática, possui a escrita humanista, com tipo de letras cursivas, caracterizadas por serem corridas, sem descanso da mão. Registra a ocorrência de letras ramistas, assim chamadas em razão do nome do humanista e filólogo francês Petrus Ramus, ou Pierre de la Ramée (1515-1572), que as propôs em razão de “os escribas da Idade Média, tanto quanto os latinos, não distinguem o I e J e V e U” (Higounet, 2003, p. 105).

O testemunho, por se tratar de cópia, é apógrafo, ou seja, foi copiado por um terceiro, escriba, escrivão ou amanuense, registrando-se, no final do ofício a assinatura do remetente. Trata-se de testemunho de único fólio, *recto*, isto é frente, com as margens, à esquerda do editor, mais

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

larga, e direita, estreita ou quase inexistente, mas sempre regulares.

Observam-se, a seguir algumas características:

Letra ramista, como em:



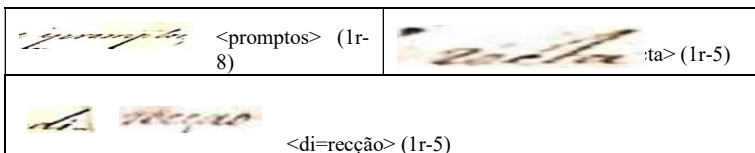
5.1.2. Características que atestam o período pseudoetimológico

O período pseudoetimológico se inicia no século XVI indo até 1904, quando Gonçalves Viana publica a *Ortografia nacional*. É influenciado pelo Renascimento, com a redescoberta dos escritores clássicos gregos e romanos e leva a escrita a submeter-se à influência etimológica, capitaneada pelos pseudoetimologistas que, retornando à origem do vocábulo em latim, restabeleceram letras há muito em desuso. Nesse período, conviveram “várias ortografias, dado que a etimologia [...] era uma ciência que dependia, em grande parte, da fantasia de cada escritor”, segundo Coutinho (1976, p. 71). Sendo assim, trata-se de um manuscrito do período pseudoetimológico, do qual citaremos algumas ocorrências ortográficas relacionadas a esse período.




Consoantes dobradas, como em:








Encontro consonantal com: pt, ct, çç, como em:



Ditongos e tritongos, com semivogal y, como em:


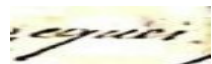
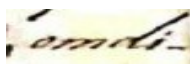

 <vay> (1r-7)	 <beyra> (1r-16)
 <canhõey=ras> (1r-13,14)	

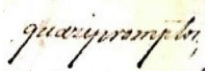





Palavras abreviadas:

 <Vossa Excellentissima> (1r-20)	 <Illustrissimo> (1r-18)
 <Excellentissimo> (1r-18)	 <Senhor> (1r-18)
 <Muito> (1r-21)	

5.1.3. Não existências de Fronteiras entre as palavras




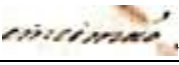
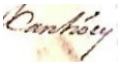

Como característica, a escrita humanista cursiva apresenta ligações entre palavras, na maioria dos casos como veremos no manuscrito em análise tratam-se de substantivos, com exceção de algumas palavras que são verbo, preposição, artigo. Na transcrição do presente manuscrito iremos utilizar o desmembramento das palavras que se encontram juntas, critérios adaptados das normas do PHPB para esta pesquisa, como em:

 <eseacha> (1r-3)	 <equei=mada> (1r-3,4)
 <emdi=recção>	 <com pouca deferença>(1r-6)

 <quazipromptos> (1r-8)	 <dosparapeitos> (1r-10)
 <dealgumas> (1r-11)	 <ouem> (1r-12)
 <dechumbo> (1r-12)	 <aspedras> (1r-13),









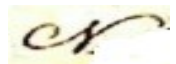





5.1.4. Sinais de acentuação e pontuação

Observa-se na pontuação o uso de vírgula, ponto e vírgula, ponto final, hífen simples para separar as sílabas ou marcar final de linha. Na acentuação para marcar a nasalidade o escriba utilizou o acento til (~) em formato de vírgula (') como em:

 <Sul,> (1r-5)	 <promptos;> (1r-8)
 <emdi-> (1r-4)	 <emcimaó> (1r-13)
 <canhóey> (1r-13)	 <1793.> (1r-17)

5.1.5. Grafemas maiúsculos e minúsculos

Foram retirados do *corpus* em análise, alguns grafemas maiúsculos e minúsculos, em ordem alfabética, apenas a título de amostragem, não sendo considerada a posição inicial, medial ou final de vocábulo.

Maiúscula	Minúsculo	Transcrição
		A - a
		C - c
		D - d
		E - e
		N - n
		P - p
		S - s

6. Contexto histórico

Para discorrer sobre o contexto histórico, nos auxiliamos na função transcendente da filologia, que segundo Spina (1977), o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica, para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época.

O manuscrito foi endereçado ao Governador e capitão general, João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres (1789-1796), nascido em Portugal, desembarcou em Vila Bela da Santíssima Trindade, em 16 de outubro de 1789, sendo empossado um mês depois, tornando-se o quinto governador e capitão general da história da capitania, indicado por seu irmão Luiz de Albuquerque de Mello e Cáceres. O referido governador chegou ao Brasil doente, e não conseguiu se curar por completo, por isso

mesmo, teve um mandato relativamente curto: permaneceu no posto por seis anos até morrer em 28 de fevereiro de 1796.

O Real Forte Príncipe da Beira foi considerado a maior edificação militar portuguesa construída fora da Europa, no Brasil Colonial. Inaugurado em 20 de agosto de 1783, na margem direita do rio Guaporé, perto do atual município de Costa Marques, em Rondônia, o forte foi batizado em homenagem a Dom José de Bragança, o Príncipe da Beira, filho da Rainha D. Maria I. *Majestosa relíquia da arquitetura militar lusobrasileira*, é uma das mais importantes construções do Brasil Colônia.

Tratava-se de um empreendimento de imenso custo, a construção do Forte do Príncipe da Beira em plena floresta amazônica representava uma iniciativa da coroa portuguesa e da política de Marquês de Pombal, poderoso e influente ministro do governo de dom José I, rei de Portugal, para proteger as fronteiras do centro-oeste do Brasil nas disputas com a Espanha.

Para a construção do forte foram necessários os principais técnicos, o governador Luiz Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, no seu projeto de edificação da obra, o arquiteto Domingos Sambuceti, nascido em Gênova, serviu ao governo do Pará por longo período, na comissão demarcadora dos limites do Norte e nas Praças de Gurupa e São José do Macapá, falece vítima de malária, no ano de 1780, sendo substituído pelo ilustre oficial engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, responsável mais tarde pela nova fortificação de Coimbra (1797). Tendo como diretor de obras, o capitão José Pinheiro de Lacerda, que desembolsou para a construção 480:000\$000 soma essa, sem dúvida alguma, vultosa para aqueles tempos.

Araújo (1985), relata que a construção do Forte Príncipe da Beira chegou ao fim em 1783. Restavam concluir as partes internas, mas mesmo assim, no mês de agosto, Luiz Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres faz a inauguração na presença de representantes de Vila Bela da Santíssima Trindade e Cuiabá. Nos últimos dias daquele mês, já existia a maior fortificação de defesa do Brasil Colônia, onde guarnições militares e as populações pioneiras realizavam a tarefa maior da integração física e espiritual dos limites extremos do território.

7. Considerações finais

Neste estudo apresentado, procurou-se mostrar que o objetivo

maior de uma edição, que consiste em restituir um texto, tanto quanto possível, à sua forma genuína. Assim, o conhecimento da língua e da época em que o texto foi escrito, transforma-se em exigência preliminar. Nem se conseguiria, sem o recurso das principais disciplinas auxiliares, como a codicologia, a paleografia, que propiciaram o entendimento do valor e o sentido de um texto.

A função do filólogo e do crítico textual deve ser o papel de restituir o documento, manuscrito ou impresso, à sua forma genuína, de maneira a preservar, no seu trabalho de edição, a vontade última do autor, efetuando, para isso, análises, das quais, a paleografia, neste caso, preparando o texto a ser publicado, conforme Andrade (2010).

Enfim, o trabalho apresentado neste artigo, tem como intuito facilitar a leitura a pesquisadores de várias áreas do conhecimento que tiverem interesse em aprofundar seus estudos a partir dessa amostra, pois a transcrição de alguns aspectos paleográficos, vai além na interpretação do original, representa uma tentativa de melhoramento do texto, com a divisão das palavras, desdobramento das abreviaturas e esclarecimento dos sinais de pontuação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, E. A.; SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; BARONAS, R. L. *Plano de Guerra da Capitania de Matto Grosso*. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

ARAÚJO, Z.G. *Real Forte Príncipe da Beira*. Rio de Janeiro: Spala; Fundação Emílio Odebrecht.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Iniciação à crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença; EdUSP, 1987.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FLEXOR, M. H. O. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. São Paulo: Secretaria da cultura: Coordenadoria de Atividades Culturais, Departamento de Artes e Ciências Humanas – Divisão de Arquivo do Estado (DAE), 1979.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. Trad. da 13. ed. corrigida por Marcos Marcionilo]. São Paulo: Parábola, 2003.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SOUZA, L. de M. *Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil Colonial*. In: FREITAS, M. C. (Org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; *Os manuscritos e impressos antigos: a via filológica*. In: Beatriz Daruj Gil; Elis de Almeida Cardoso; Vália Gil Condé. (Org.) *Modelos de Análise Linguística*. V. 1. São Paulo: Contexto, 2009.